

Suplemento de Património

A Rua de Santo António o mais antigo e pitoresco arruamento de Lousada

*Cristiano Cardoso**

Trata-se, seguramente, da rua mais antiga da Vila, conservando ainda alguns edifícios da primeira metade do século XVIII. Hoje estende-se desde Ponterrinhas até à Rua Visconde de Alentém sempre com a mesma designação. No entanto, em tempos esteve dividida e teve denominações diferentes. De facto, só em 1941 é que o hagiotopónimo passou a identificar a via em toda essa extensão.

Antes da Implantação da República a Rua de Santo António estendia-se entre o Largo do Pelourinho e a Travessa Major Arrochela Lobo. A via que ligava o mesmo Largo do Pelourinho à Rua Visconde de Alentém designava-se Rua D. Maria Pia. Entre a Casa dos Patos e Ponterrinhas existia apenas um caminho.

A Implantação da República foi um dos acontecimentos que levou a uma completa substituição dos nomes e eventos associados à toponímia lousadense. Numa reunião da Comissão Muni-



Figura 1 - Gravura de João de Almeida, presente na obra "O Minho Pitoresco".

cipal Administrativa em 19 de Outubro de 1910 foi deliberado que a Rua D. Maria Pia passava a denominar-se Rua 31 de Janeiro, enquanto que a de Santo António recebia o nome de Rua Lati-

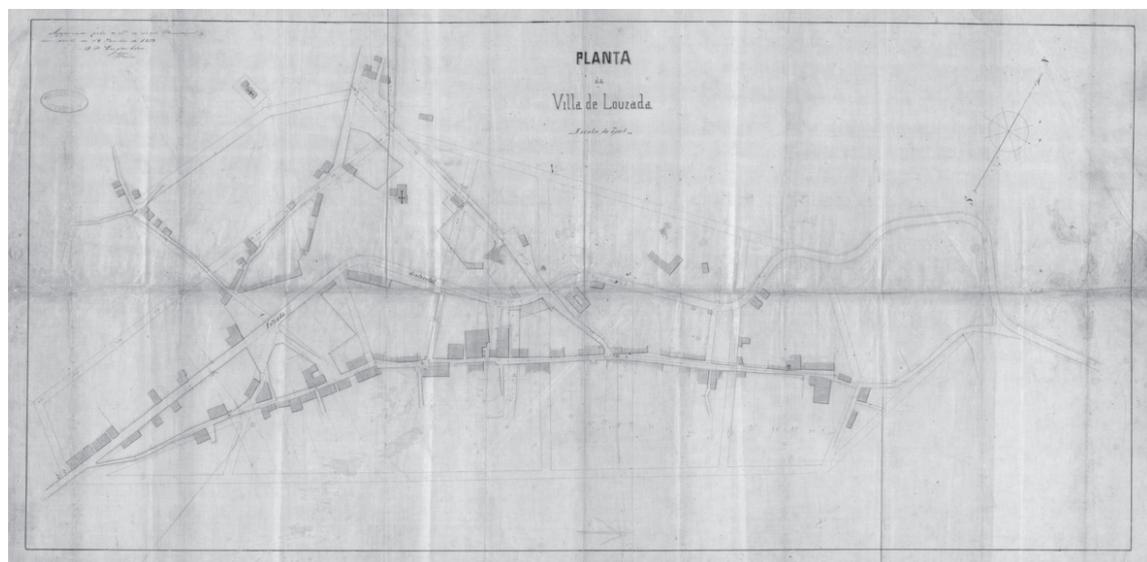


Figura 2 - Planta da Vila de Lousada em 1879.

* Técnico Superior de Ciências Históricas; Gabinete do Património Histórico da C. M. L.

no Coelho (Câmara Municipal de Lousada, 1910). Não no seguimento deste acto camarário, mas seguramente durante a 1.^a República, o velho caminho de ligação a Ponterrinhas tomou a designação de Rua António José de Almeida (Câmara Municipal de Lousada, 1941) (Planta da Vila de Louzada, 1929).

Foi já na vigência do Estado Novo que, por proposta de José da Costa Sampaio, apresentada em Reunião de Câmara a 14 de Julho de 1941, que Santo António voltava à nomenclatura urbana, agora atribuída a toda a extensão entre Ponterrinhas e Visconde de Alentém. (Câmara Municipal de Lousada, 1941).

Tudo indica que seja, efectivamente, o mais antigo arruamento da Vila. Não só por aí encontrarmos os edifícios mais antigos, como também pelo facto desta rua cruzar a praça onde se encontrava o Pelourinho, na proximidade do qual estariam, com toda a certeza, as dependências mais importantes das autoridades administrativas e judiciais, tais como a Casa da Audiência, pelo menos desde meados da segunda metade do século XVIII. Uma parte significativa deste antigo arruamento e do núcleo urbano que se formou à sua volta serão mesmo anteriores à



Figura 3 - O casario antigo da Rua de Santo António.



Figura 4 - Câmara Municipal de Lousada.

transição da sede do concelho para o Torrão (antiga designação atribuída ao centro da vila de Lousada). Mas só uma investigação mais profunda, nos tombos de bens e livros de prazos dos mosteiros, poderá definir mais consistentemente a organização territorial dessa época.

A Rua de Santo António motivou a atenção de José Augusto Vieira que consagrou, no seu “O Minho Pittoresco”, algumas palavras à *antiga Louzada (...)* com a *feição accentuada das antigas villas portuguesas, de ruas estreitas e praças acanhadas, a lugubre cadeia sob os antigos paços do concelho, uma ou outra viella intransitavel, as casas de pequenas janellas com poiaes, onde floresce o craveiro encarnado* (Vieira, 1887:354).

São muitos os pontos de interesse ao longo desta secular rua. Edifícios públicos e particulares que marcaram momentos históricos da Vila e do Concelho, quer pela importância institucional que representavam, quer pelas personalidades que lá viveram.

Bem próximo do início da rua, para o extremo da Rua Visconde de Alentém, infelizmente demolida por obras recentes, a casa onde viveu José Teixeira da Motta. Foi administrador do concelho e fundador do Jornal de Louzada, periódico de cariz regional, cuja edição se iniciou em 1907 e se manteve activa até 1990. A impressão do jornal fazia-se precisamente no rés-do-chão de uma casa um pouco adiante. Aí existia um caminho que ligava à Rua Visconde de Alentém, que foi ocupado por construção.

Descendo a rua encontramos, de ambos os la-

dos, casario de sabor tradicional e rústico que felizmente se vai conservando, embora temas que não por muito tempo. Na parede de uma dessas casas, numa estreita travessa, vemos embutida uma carranca, possivelmente retirada de uma velha fonte e que ali foi reutilizada.

Ligeiramente abaixo, na esquina com a Rua dos Bombeiros, uma antiga casa, hoje adaptada a centro comercial, ostenta numa das portas uma inscrição em que se lê: “Bandª 1722”. Trata-se da abreviatura de Bandeira, nome duma família que se destacou em Lousada na primeira metade do século XVIII.

Um dos seus membros, o Capitão Manuel Nunes Bandeira, era o proprietário da Quinta do Pinheiro. Foi este que também mandou “reedificar à sua custa” a Capela de Santo António no ano de 1725 (ANTT, 1758:1236).

Mais adiante, já parcialmente destruída, só restando a fachada, encontramos a casa onde viveu o Sr. José da Costa Sampaio. Esta propriedade era toda murada e estendia-se até à Avenida do Senhor dos Aflitos onde havia um portal. Nos anos 70 o portal foi demolido para dar lugar aos edifícios novos que aí se encontram. O Sr. Costa Sampaio doou à Associação Cultural e Musical de Lousada, em 1983, o que restava da propriedade para que aí se erguesse a sede dessa instituição e o auditório municipal. O projecto não



Figura 5 - Casa antiga onde se estabeleceu o farmacêutico Alves Ribeiro.

viria a ser desenvolvido nesse local por se ter encontrado melhor localização.

Colada à casa anterior surge uma construção típica de século XVIII, muito cuidada, cuja tradição associa à antiga Casa da Audiência. Embora não existam documentos que validem tal sugestão, tal possibilidade deverá ser considerada. A arquitectura formal e a sua abertura para o espaço público através da escadaria de duplo lanço, bem como a antiga localização do Pelourinho, mesmo em frente à referida edificação, poderão reforçar essa hipótese.

A Rua de Santo António tinha continuidade através do que é hoje o Largo do Pelourinho, local onde se veio a construir o actual edifício da Câmara. A primeira versão dos Paços do Concelho

tinha apenas rés-do-chão e primeiro andar, estando orientado para o referido largo, que era o centro privilegiado da povoação. É já durante a 1.ª República que se acrescenta um segundo piso, orientando-se o edifício para a Avenida Senhor dos Aflitos, que entretanto se afirmara em termos de centralidade. Nesse seguimento descobre-se mais um edifício antiquíssimo, tal como o testemunha a data inscrita na sua fachada: 1731. Por cima da data está um



Figura 6 - A antiga casa existente onde hoje se ergue a Casa de Santo Adrião.

nicho com uma imagem de Santo António – mais uma invocação ao nome secular desta rua. Nesta casa viveu um dos primeiros farmacêuticos da Vila, o Sr. António Júlio Alves Ribeiro.

Ligeiramente à frente, no cruzamento com a Rua Afonso Quintela, vemos uma belíssima e pouco vulgar casa. Esta é conhecida por Casa de Santo Adrião denominação atribuída pelo povo por a terem edificado e habitado três senhoras procedentes da casa do mesmo nome em Mós (Silvares). Esta casa foi construída em 1930 e denota uma inspiração claramente ligada ao famoso arquitecto Raul Lino, embora não

haja qualquer testemunho que aponte para a participação do mesmo na sua traça. Antes deste singular edifício, havia um outro, no mesmo local, que foi parcialmente demolido para que fosse rasgada e alargada a Rua Afonso Quintela. A abertura desta rua motivou ainda outra alteração. À face da Rua de Santo António estava um pequeno fontanário que teve de ser deslocado e reerguido na nova rua.

Poucos metros adiante mais duas casas chamam a atenção pela arquitectura antiga que evidenciam. A casa onde actualmente funciona a Farmácia Fonseca também guarda numa das suas padieiras a data da construção: 1769. Trata-se de uma construção muito cuidada com os seus dois frontões semi-circulares a transmitir um ritmo muito particular ao edifício.

Segue-se mais uma casa de pendor Oitocentista e traça muito austera. Imediatamente à frente, na esquina com a Rua São João de Deus, encontramos uma outra casa com raízes no século XIX, com uma arquitectura muito equilibrada e sólida. Do outro lado da Rua de São João de Deus vive-



Figura 7 - A Casa de Santo António com capela e, ao fundo, a Casa dos Patos.

ram as “Três rosas! Três amores! Três graças!” às quais São Boaventura, antigo administrador do concelho, consagrou estes versos (São Boaventura, 1997:58 e 59).

Continuando a descida da rua, e já quase a atingir o seu final, descobrem-se mais duas ilustres casas. A primeira, um secular solar que enterrará as suas origens certamente no século XVII. Trata-se da Casa de Santo António com a sua capela de invocação ao santo do mesmo nome. Terá sido esta velha casa a cabeça de exploração da antiga Quinta do Pinheiro, propriedade no século XVIII do já referido Capitão Manuel Nunes Bandeira, o mesmo que mandou reerguer a capela. Nesta casa viveu o Dr. José Camilo Alves Teixeira de Carvalho, advogado e presidente da Câmara Municipal de Lousada entre 1893 e 1895.

Logo seguida, e partilhando as faces da Travessa Major Arrochela Lobo, vemos a imponente Casa dos Patos. Trata-se de uma boa construção do último quartel do século XIX e nela viveu o médico Joaquim Hermano Mendes de Carvalho.

Bibliografia

ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO (1758). Dicionário Geográfico de Portugal. Vol. 35, Maç. 165.

BOAVENTURA, São (1997) – *Saudades! Saudades!* Lousada: C.M.L.

CÂMARA MUNICIPAL DE LOUSADA [Manuscrito] (1910). Acta da reunião da Comissão Municipal Administrativa de 19 de Outubro de 1910.

CÂMARA MUNICIPAL DE LOUSADA [Manuscrito] (1941). Acta da Reunião de Câmara de 14 de Julho de 1941.

PLANTA DA VILA DE LOUZADA [Material Cartográfico] (1929). Câmara Municipal de Lousada (Processo Administrativo para a Implementação da Rede Eléctrica). Escala 1:1000. Lousada: C.M.L. (Anotada e acrescentada por Lúcia Ribeiro).

PLANTA DA VILA DE LOUZADA [Material Cartográfico] (1879). Câmara Municipal de Lousada. Escala de 0,001. Lousada: C.M.L. VIEIRA, J. A. (1887) – *O Minho Pittoresco*. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira. Vol. II.